



O DESAFIO DA INCLUSÃO FEMININA NO AGRONEGÓCIO: UM DEBATE NECESSÁRIO

Cátia Cardoso da Silva¹
Raissa Osório²

O Desafio da Inclusão Feminina no Agronegócio: Um Debate Necessário:

A desigualdade de gênero no agronegócio brasileiro é uma questão que persiste há décadas, refletindo barreiras estruturais, culturais e econômicas que limitam a plena participação feminina. Dados do IBGE (2017) indicam que apenas 19% dos estabelecimentos rurais são liderados por mulheres, apesar de elas serem responsáveis por 34% dos cargos de gerência no setor (Berlato et al., 2023). Essa sub-representação em posições de liderança evidencia os desafios enfrentados pelas mulheres para acessar recursos e oportunidades no agronegócio.

Em um contexto global, o relatório da FAO (2023) destaca que, embora as mulheres representem cerca de metade da força de trabalho agrícola, elas têm acesso limitado a recursos essenciais, como crédito, tecnologias e direitos à terra. Essa lacuna de gênero na agricultura não é apenas uma questão de equidade, mas também um entrave ao crescimento econômico e à segurança alimentar. No Brasil, estereótipos que associam o trabalho agrícola a habilidades tradicionalmente masculinas continuam desvalorizando as contribuições femininas, tanto na gestão quanto na implementação de práticas sustentáveis (FAO, 2023; Vuciterna et al., 2024).

Apesar dessas barreiras, as mulheres têm desempenhado um papel crucial na promoção de práticas agrícolas sustentáveis e na segurança alimentar. Projetos como "Mulheres do Xingu" no Brasil são exemplos de lideranças femininas que aliam produtividade à preservação ambiental, demonstrando que a inclusão feminina é essencial para um agro mais eficiente e inovador (Brawner et al., 2020). Contudo, para que avanços como esses se tornem regra e não exceção, é preciso analisar os desafios enfrentados pelas mulheres e propor soluções que promovam a igualdade de gênero no setor.

Discussão:

Barreiras Culturais

Culturalmente, o agronegócio é tradicionalmente associado a características masculinas, como força física e assertividade. Esse estereótipo reforça a ideia de que a liderança no setor é mais adequada aos homens. Essa construção cultural é perpetuada por processos de socialização que desde cedo posicionam as mulheres em papéis subordinados. Como consequência, muitas mulheres relatam a necessidade de adotar comportamentos percebidos como "masculinos" para serem aceitas e respeitadas no ambiente de trabalho (Berlato et al., 2023).

¹ Faculdade CNA. Pós-graduação em Liderança Empreendedora e Inovação no Agronegócio, catiasilvaforestal@gmail.com



Além disso, a sub-representação feminina em espaços de decisão, como associações rurais e cooperativas, reflete uma estrutura que exclui sistematicamente as mulheres de processos decisórios importantes. Essa exclusão limita sua capacidade de influenciar políticas e práticas no setor, perpetuando desigualdades históricas (Brawner et al., 2020).

Barreiras Sociais

Socialmente, a dupla jornada é um dos maiores obstáculos enfrentados pelas mulheres no agronegócio. Dados do IBGE (2021) indicam que, em média, as mulheres dedicam mais de 21 horas semanais a atividades domésticas, enquanto os homens investem menos da metade desse tempo. Essa sobrecarga reduz significativamente a disponibilidade das mulheres para buscar capacitação, participar de redes de apoio ou expandir seus negócios.

Além disso, a exclusão das mulheres de redes de networking e mentorias – frequentemente dominadas por homens – prejudica o acesso a informações estratégicas e oportunidades de crescimento profissional. Essa limitação reforça a invisibilidade feminina em um setor que valoriza conexões para avançar na carreira (Brawner et al., 2020).

Barreiras Econômicas

Economicamente, as mulheres enfrentam dificuldades expressivas no acesso a crédito agrícola, financiamento e tecnologias. Conforme relatório da FAO (2018), apenas 10% do crédito agrícola global é destinado às mulheres, dificultando investimentos em práticas inovadoras e tecnologias que poderiam aumentar a produtividade. No Brasil, essa desigualdade é agravada pela diferença salarial entre homens e mulheres no agronegócio, com as mulheres recebendo, em média, 77,7% do rendimento masculino para funções semelhantes.

Além disso, a presença de um "teto de vidro" no setor limita o avanço das mulheres a posições de liderança estratégica. Embora participem ativamente da cadeia produtiva, muitas vezes elas são relegadas a papéis administrativos ou operacionais, enquanto os homens dominam funções de planejamento e tomada de decisão (Vuciterna et al., 2024).

Oportunidades e Transformação

Apesar das barreiras, as mulheres têm demonstrado resiliência e capacidade de liderar mudanças significativas no agronegócio. Projetos como "Mulheres do Xingu" destacam a habilidade feminina de conciliar produtividade com sustentabilidade ambiental, promovendo práticas como sistemas agroflorestais e conservação de áreas degradadas. Essas iniciativas mostram que, quando recebem o suporte necessário, as mulheres têm o potencial de transformar o setor e fortalecer a segurança alimentar (FAO, 2018).

Iniciativas globais e nacionais têm buscado promover a igualdade de gênero no agronegócio. Programas de mentorias, redes de apoio e políticas públicas inclusivas são fundamentais para remover barreiras e garantir que as mulheres tenham acesso a recursos financeiros e oportunidades de liderança. A inclusão de mulheres em cargos de decisão não é apenas uma questão de equidade, mas também uma estratégia para aumentar a inovação e a sustentabilidade no setor.

Portanto, abordar as barreiras culturais, sociais e econômicas que limitam a participação das mulheres no agronegócio é essencial para liberar todo o potencial do setor. A inclusão feminina no agronegócio é mais do que uma questão de equidade; é uma estratégia essencial para promover inovação, sustentabilidade e eficiência. Mulheres no agro têm demonstrado sua capacidade de transformar desafios em oportunidades, implementando soluções que beneficiam



toda a cadeia produtiva. É indispensável criar um ambiente mais inclusivo para que elas possam contribuir plenamente para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro.

Solução-avaliação:

A inclusão de mulheres no agronegócio brasileiro não deve ser vista apenas como uma demanda por igualdade de gênero, mas como uma estratégia essencial para alavancar o desenvolvimento sustentável, a inovação e a competitividade do setor. Para alcançar esse objetivo, é necessário adotar ações práticas que removam as barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres e criem um ambiente de igualdade de oportunidades.

Uma das prioridades deve ser a reformulação de políticas públicas que assegurem acesso equitativo a crédito, tecnologias e recursos educacionais. Linhas de financiamento específicas para mulheres agricultoras, acompanhadas de programas de capacitação técnica e gerencial, podem transformar a realidade feminina no agro. Essas ações não apenas possibilitam o aumento da produtividade nas propriedades rurais lideradas por mulheres, mas também promovem a adoção de práticas sustentáveis que beneficiam todo o setor.

Além disso, é imprescindível combater estereótipos de gênero e construir uma cultura organizacional mais inclusiva. Campanhas de conscientização devem desafiar a percepção de que o agronegócio é um espaço predominantemente masculino. Empresas e instituições podem liderar essa mudança ao adotar políticas internas que incentivem a diversidade em posições de liderança. A presença de mulheres em conselhos administrativos e associações rurais é crucial para garantir que suas perspectivas sejam incorporadas às decisões estratégicas.

A criação e o fortalecimento de redes de apoio e mentorias também desempenham um papel decisivo. Essas iniciativas conectam mulheres a oportunidades de aprendizado e crescimento, além de reforçar sua confiança em ambientes frequentemente dominados por homens. Programas como o CNA Jovem no Brasil demonstram que, com o suporte certo, as mulheres podem assumir posições de destaque e impulsionar a inovação no agronegócio.

Por outro lado, é essencial reconhecer que a inclusão feminina não é apenas responsabilidade das mulheres. Governos, empresas e organizações do setor têm um papel ativo em garantir que políticas de igualdade de gênero sejam implementadas de maneira eficaz. Essa abordagem colaborativa é a chave para transformar o setor em um modelo de equidade e eficiência.

Por fim, a questão central não se limita à igualdade de gênero como um valor ético, mas também como uma necessidade estratégica. Diversidade e inclusão promovem a pluralidade de ideias, o que é essencial para enfrentar os desafios globais, como mudanças climáticas e segurança alimentar. Portanto, criar um agronegócio mais inclusivo e igualitário é investir no futuro do setor e na construção de um Brasil mais justo e sustentável.

Esse compromisso com a inclusão feminina deve ser entendido como uma oportunidade de avanço econômico e social, que beneficia não apenas as mulheres, mas toda a cadeia produtiva e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLATO, H.; ANDRETTA, D.; FERNANDES, T. “Não se nasce mulher, torna-se”: Impressões das mulheres sobre a carreira no agronegócio e seus espaços. *Brazilian Business*



Review, v. 20, n. 5, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15728/bbr.2022.1224.pt>. Acesso em: 13 dez. 2024

BRAWNER, S.; STEPHENS, C. A.; YAMAGATA-LYNCH, L.; DONALDSON, J. Leadership attainment of women in agriculture: A qualitative study. *Journal of Leadership, Accountability and Ethics*, v. 17, n. 1, 2020. Disponível em: <https://articlearchives.co/index.php/JLAE/article/view/3916>. Acesso em: 13 dez. 2024

FAO. Empowering rural women: The path to gender equality in agriculture. 2018. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/e31ea1b4-3378-499e-81da-85552d69ceeb/content>

IBGE. Censo Agropecuário 2017: Resultados. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 dez. 2024.

VUCITERNA, R.; RUGGERI, G.; MAZZOCCHI, C.; MANZELLA, S.; CORSI, S. Women's entrepreneurial journey in developed and developing countries: A bibliometric review. *Agricultural and Food Economics*, v. 12, n. 36, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40100-024-00331-9>. Acesso em: 13 dez. 2024